

Imagens da construção de um ideal? A pintura de Angelo Agostini (1885 – 1909).

Rosangela de Jesus Silva *

Resumo: Angelo Agostini (1842/3-1910), além de caricaturista, crítico de arte e jornalista também foi pintor. Suas telas são pouco conhecidas, talvez pela quase ausência delas em coleções públicas. No entanto, quando se acompanha sua trajetória através da imprensa, são inúmeras as notas sobre sua atividade de pintor de retratos, assim como sua constante participação nas Exposições Gerais de Belas Artes entre 1890 e 1909. Enquanto figura atuante na sociedade carioca da segunda metade do século XIX teria o artista esboçado, através de sua pintura, seu ideal de nação? O objetivo dessa comunicação é apresentar algumas das telas do pintor e iniciar uma reflexão sobre suas escolhas pictóricas.

Palavras chave: Arte brasileira; Angelo Agostini; século XIX;

Resumé: Angelo Agostini (1842/3-1910), caricaturiste, critique d'art et journaliste, a aussi été peintre. Ses toiles sont peu connues, peut-être en raison de leur absence quasi-totale des collections publiques. Cependant, une étude de son parcours à travers la presse rend compte de l'existence de très nombreuses notes concernant son activité de portraitiste, ainsi que de sa participation constante aux Expositions Générales des Beaux Arts entre 1890 et 1909. En tant que personnage central de la société du Rio de la seconde moitié du 19^{ème} siècle, l'artiste aurait-il esquissé, à travers sa peinture, son idéal de la nation ? Le but de cette communication est de présenter quelques-unes des toiles de ce peintre et d'amorcer une réflexion sur ses choix picturaux.

Mot Clé : Art brésilien ; Angelo Agostini; Dix-neuvième siècle ;

Algumas palavras sobre o pintor

Angelo Agostini (1842/3-1910) além de caricaturista, crítico de arte e jornalista também foi pintor. Suas telas são pouco conhecidas, talvez pela quase ausência delas em coleções públicas, o que gera uma dificuldade principalmente para a realização de estudos sobre o artista.

Em pesquisa realizada nos catálogos das Exposições Gerais realizadas pela Escola de Belas Artes, a partir do final da década de 1890 até 1909, Agostini participou com várias telas, sendo que no ano de 1898 foram expostas 10 obras do artista. Além disso, nos jornais de época, apareciam notícias de retratos pintados por Angelo Agostini desde a década de 1860, quando o artista ainda residia em São Paulo.

* Doutoranda no programa de Pós-graduação em História da Arte, no departamento de História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/IFCH da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP e Capes/PDEE.

Um dos objetivos desse trabalho é justamente fazer conhecer um pouco da produção pictural desse artista. É certo que ainda não foram encontradas a maioria das telas citadas nos catálogos das exposições ou mesmo em notícias na imprensa. Nos estudos realizados sobre Agostini nota-se uma grande dificuldade em localizar documentos sobre o mesmo, a maioria das referências a esse personagem foram colhidas na imprensa da época.

Contudo, o pequeno e variado número de telas até aqui encontradas podem contribuir para dar uma idéia do trabalho artístico de Agostini.

Até o momento foram levantadas nove imagens, sendo sete fotografias das telas, uma reprodução do livro *História da Pintura Brasileira no século XIX* de Quirino Campofiorito, e outra no artigo de Carlos da Silva Araújo, publicado no Boletim de Belas Artes em 1946. Cinco dessas obras pertencem à Casa de Cultura Laura Alvim no Rio de Janeiro e duas telas são da Coleção Sergio Fadel, também do Rio de Janeiro. Entre os temas tratados nas telas é possível encontrar paisagens, representações de tipos como o gaúcho, índios e um retrato.

A temática

A idéia inicial da pesquisa é agrupar por afinidade temática as obras e entender cada grupo de telas para, em um segundo momento, analisar o conjunto conhecido de pinturas do artista. Contudo, essa comunicação se concentrará em apenas um grupo no qual foram incluídas duas telas: *Um Gaúcho* e *Gaúchos*. Essas obras apresentam datações com um intervalo de mais de vinte anos, e ambas retratam a figura do gaúcho no meio rural.

Quando se leva em consideração que houve ao longo do século XIX no Brasil uma busca de elementos que revelassem características genuinamente nacionais, essas telas parecem bastante ilustrativas de uma tentativa do pintor em contribuir para uma reflexão em torno desses possíveis elementos.

A construção da imagem do gaúcho como um forte, um tipo nacional, já estava presente na literatura através do romance de José de Alencar (1829-1877) *O Gaúcho*, publicado em 1870, o qual teve como pano de fundo a Farroupilha (1835-1840). Em sua descrição sobre o personagem, Alencar diz o seguinte: “Nenhum ente, porém, inspira mais energicamente a alma pampa do que o homem, o gaúcho. De cada ser que povoa o deserto, tomo ele o melhor; tem a velocidade da ema ou da corça; os brios do corcel e a veemência do touro.” (ALENCAR, 1971:14)

Nas artes plásticas é importante lembrar que a representação do gaúcho já tinha sido realizada por pintores viajantes como Rugendas na primeira metade do século XIX. Um nome

brasileiro que retratou o gaúcho foi Juan León Pallière em suas viagens pela América, sobretudo na região do Prata. Maria Ligia Coelho Prado destaca ainda os nomes do inglês Emeric Essex Vidal (1791-1861), do francês Charles Henri Pellegrini e ainda dos argentinos Carlos Morel (1813-1894) e Prilidiano Paz Pueyrredón (1823-1870), como artistas que retrataram o personagem gaúcho.

A autora destaca que a circulação dessas obras foi bastante restrita na América e que pelo fato de serem, em sua maioria, artistas estrangeiros não será notado nas representações um tom “nacionalista e de veneração em relação à natureza” (PRADO, 2004:213). Não é possível afirmar se Agostini conhecia essas representações, pelo menos nos anos 1880, antes de sua estadia na Europa entre 1888 e 1894.

A primeira tela sobre essa temática de Agostini foi exposta em 1882 na exposição realizada pelo Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, na qual Agostini teria participado com duas telas: *Um gaúcho* e *Um pendant de caipiras paulistas*. A primeira tela encontra-se hoje na Casa de Cultura Laura Alvim. Algo que logo chama a atenção são os títulos atribuídos, os quais denotariam uma preocupação ou cuidado em caracterizar alguns “tipos” brasileiros.



O Gaúcho, c.1882, óleo sobre tela. (33x48cm)
Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro.

Angelo Agostini pintou, provavelmente na década de 1880, a tela *O Gaúcho*, o quadro nos apresenta um homem com barbas, vestido com um chapéu, um lenço vermelho no pescoço, uma camisa clara, uma calça de tom marrom com um objeto preso à cintura, o qual lembra uma faca. O personagem está montado em um cavalo galopante, de tom acinzentado. O gaúcho segura com o braço erguido, na mão direita, um laço preparado para ser jogado na direção de um boi que foge velozmente do cavaleiro. A cor do boi é escura, de forma que se percebe um claro contraste com o homem e o cavalo. O grupo está representado no centro da tela onde se dá toda a ação da cena.

A cena se passa em um descampado com um pequeno declive, a vegetação é rasteira, há pedras e terra no primeiro plano, ao fundo é possível perceber a copa de arbustos e do lado direito, ao longe, uma pequena montanha coberta de vegetação. O céu é azul de um dia de sol com algumas nuvens.

Nada na paisagem distrai a atenção do observador, o olhar se prende na cena no centro do quadro, onde o cavalo parece estar flutuando e a atenção do cavaleiro está toda concentrada na captura do boi.

Félix Ferreira publicou o seguinte comentário sobre o quadro:

[...] um gaúcho, também desenhado a primor e colorido com muita harmonia. O touro que corre no verdor da campina, perseguido pelo adestrado laço do campeão, é um animal que Rosa Bonheur não duvidaria firmá-lo com seu nome universal; o cavalo e o cavaleiro são também tratados com muita arte e ciência de formas. (FERREIRA, 1885)

O crítico deu um destaque especial para o colorido da obra, o qual é possível perceber ao se observar o quadro, embora este esteja um pouco escurecido pela ação do tempo e com problemas de conservação. Agostini usa tons azuis, verdes, brancos, vermelhos e marrons, mas todos colocados de uma forma bastante harmônica, respeitando o desenho.

Outro ponto destacado por Ferreira na obra seria sua qualidade, a qual seria corroborada pelo cuidado na elaboração das formas, ou seja, um desenho meticuloso. Agostini sempre esteve muito preocupado com o ensino do desenho aos artistas brasileiros, foi professor de desenho no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e também professor particular e, em suas críticas sempre ressaltava a importância do desenho. Seu traço nas telas não difere muito do seu trabalho como caricaturista, no que se refere à busca de uma representação realista. Na caricatura, seu traço é preciso, sem margens para muitas ousadias no sentido de utilizar grandes deformações ou de dar ênfases muito explícitas em determinadas características como se vê tradicionalmente entre os caricaturistas.

Ferreira também fez a aproximação dessa pintura de Agostini ao trabalho da artista francesa Rosa Bonheur¹ (1822-1899). Essa aproximação deve ter se dado pelo fato da artista ter ficado conhecida por sua pintura de animais e do seu quadro mais célebre, o qual lhe trouxe fama internacional, *Le marché aux chevaux* (1853-1855), hoje no Metropolitan Museum de Nova York. Nesse quadro se observa uma cavalgada com vários cavalos

¹ Marie-Rosalie Bonheur nasceu em Bordeaux, na França. Pertencia a uma família de artistas e iniciou seu processo de aprendizagem com o pai aos 13 anos. Tornou-se uma artista de muito prestígio no século XIX, tendo trabalhado, além da França, na Inglaterra e Estados Unidos. Sua pintura apresentava características realistas.

representados nas mais diversas posições, de forma que se evidencia a habilidade da artista na representação desse animal. Bonheur alcançou fama internacional pela qualidade de suas representações de animais. Assim, comparar o trabalho de Agostini ao da artista era provavelmente um elogio.

A outra tela dessa temática é uma reprodução datada e assinada pelo artista, publicada no livro de Quirino Campofiorito.



Gaúchos, 1904. CAMPOFIORITO, Quirino. *História da Pintura Brasileira no século XIX*. Rio de Janeiro : Ed. Pinakothèque, 1983. p. 105.

Campofiorito apresenta a tela como pertencente ao “Acervo Galeria de Arte” no Rio de Janeiro, mas, até o momento, não foi possível localizar o paradeiro desta tela. A reprodução permite ver que a pintura foi assinada e datada de 1904. Por ser uma reprodução em preto e branco não temos informações sobre as cores utilizadas na tela. Novamente o gaúcho foi utilizado como tema.

No primeiro plano, em destaque, se observa um homem em pé, apoiado com o braço esquerdo no cavalo e com o olhar voltado para o horizonte. O personagem usa um chapéu, tem barbas, um lenço no pescoço de cor escura, camisa de manga longa clara, na cintura um cinto com uma arma pendurada, calça escura de pernas largas, uma bombacha, tradicional peça da vestimenta gaúcha, botas e esporas. O cavalo é escuro, tem a cabeça voltada para um grupo mais ao fundo da tela, está com arreios e cela. O gaúcho tem um olhar distante, numa aparência um tanto melancólica.

Ao fundo, à esquerda do quadro, há dois cavalos preparados para montaria, pastando. Há um animal deitado, com as patas para o ar, enquanto dois homens realizam algum procedimento. Os homens usam roupas parecidas com as do cavaleiro no primeiro plano, estão de chapéu, camisas claras de manga comprida e calça mais escura.

A paisagem, como no quadro anterior, apresenta uma vegetação rasteira, com arbustos ao fundo, o terreno tem pedras e é irregular.

É possível que esse quadro tenha participado da 11ª Exposição Geral de Belas Artes, organizada pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1904. Nessa exposição Agostini expôs três quadros. Nenhuma das telas expostas foi apresentada com o título que aparece no livro de Campofiorito, *Gaúchos*. Porém, os nomes e as datas dos quadros expostos sugerem que este esteve presente naquela exposição provavelmente sob o título *Nos pampas*. Tal aproximação foi feita levando em consideração a data e o tema do quadro, onde se observa alguns gaúchos na sua lida nos pampas.

Outra hipótese é a de que o quadro de 1882 tenha sido exposto nessa mesma exposição, também com outro título, *Laçando bois*. Isso porque o artista poderia, sem problema algum, ter alterado os títulos dos seus trabalhos. Ademais, o título sugere a representação vista no primeiro quadro, a de um cavaleiro laçando um boi. Na Casa de Cultura Laura Alvim, onde se encontra o quadro, não há nenhuma referência ao título da obra. Finalmente, seria muito oportuno mostrar os dois quadros juntos, já que ambos apresentam semelhanças tanto na execução quanto na temática.

Poderia ser uma maneira de o artista mostrar que, vinte anos depois, com uma idade mais avançada, ele ainda teria o mesmo domínio sobre esse tipo de representação. Demonstraria uma continuidade no seu trabalho, seria uma possibilidade de confrontar dois momentos de sua produção. É possível pensar, ainda, que a figura do gaúcho, para Agostini, permaneceria um tema atual, uma referência para a representação da nação. Infelizmente não há no catálogo as reproduções dos quadros, nem crítica alguma foi encontrada, de forma a confirmar ou refutar essas hipóteses. Independentemente dessas suposições, parece plausível que os quadros sejam considerados como um conjunto temático.

Arte e política?

Uma questão que poderia contribuir na consideração dessas obras é a constante presença de discussões políticas sobre o Rio Grande do Sul no *Don Quixote* (1895-1903), o segundo maior empreendimento de Agostini². Durante o episódio da Revolução Federalista (1893-1895), a qual apresentava tendências parlamentaristas, Agostini se posicionou a favor

² Agostini começou seu trabalho na imprensa de São Paulo com os periódicos *Diabo Coxo* (1864-1865) e *Cabrião* (1866-1867). Seguiu para o Rio de Janeiro em 1867, onde participou de vários periódicos. Seu maior empreendimento foi a *Revista Illustrada* (1876-1898), publicada por mais de vinte anos. Agostini dirigiu essa revista até 1888.

dos federalistas e contra Julio de Castilhos (1860-1903), então presidente do Estado do Rio Grande do Sul e chefe do Partido Republicano Rio Grandense. Esse episódio foi marcado por uma luta sangrenta na qual teriam morrido em torno de dez mil pessoas.

Os federalistas, mais conhecidos como maragatos, usavam como símbolo um lenço vermelho no pescoço. No primeiro quadro de Agostini o gaúcho também utiliza um lenço vermelho. O quadro foi pintado na década de 1880, uma década antes da luta explodir no sul, o que poderia afastar qualquer aproximação entre esses dois acontecimentos. Por outro lado, o fato do quadro estar hoje na Casa de Cultura Laura Alvim pode ser um indicativo de que este sempre esteve em poder de seu autor, o qual poderia interferir na sua criação quando assim considerasse conveniente. Além disso, se o quadro foi novamente exposto em 1904 não teria sido uma boa ocasião de destacar o lenço vermelho e o que ele representou?

Em sua revista, Agostini destacou várias vezes a bravura do povo gaúcho seja em textos ou em imagens, sobretudo em 1895. Além do exemplo abaixo, fez outros onde o gaúcho aparecia laçando Júlio de Castilhos representado como uma onça, a qual ofereceria um grande perigo para a República Brasileira.



Don Quixote, ano I, N.12, p.5 13/04/1895.

Essa preocupação em valorizar a figura do povo gaúcho revelaria um posicionamento e engajamento político da artista na defesa do seu ideal de uma nação brasileira? O discurso que aparece no *Don Quixote* foi organizado de forma a mostrar o grande mal que gerava a presença dos militares no poder, assim como a defesa de interesses que não corresponderiam àqueles da Nação. Alguns trechos de artigos publicados em 1895 podem ajudar na compreensão desse posicionamento:

*O Brasil, porém, inaugurou a republica com o militarismo, deu ao militar o exercicio de cargos puramente civis;(...)
Foi e é um mal, um grande mal, a origem de todos os nossos males(...)*

*Mas o que esse mal está a pedir é um grande remédio (...)
Revejam as leis e reformen-n'as, restringindo o papel do militar ao desempenho da
sua mais nobre missão que certamente não é fazer política.” (Don Quixote, N. 16,
RJ, 11/05/1895, p.2 e3)*

Nesse mesmo número, no que hoje se poderia chamar o editorial da revista, há um artigo que se posiciona contra o que seria a falta de uma atitude do governo federal (Prudente de Moraes governou o Brasil entre 1894 e 1898) para colocar fim à sangrenta luta no sul e em defesa da República e do Brasil. O artigo é concluído da seguinte maneira: “a instituição republicana não pode aqui medrar fechada n’um circulo de bayonetas ou nas ambições políticas de uma fracção do Brazil...”

Na revista de Agostini transparece um firme posicionamento político, no qual o povo e a nação brasileira deveriam ser colocados em primeiro lugar. Não há explicitamente uma definição de povo ou Nação em Agostini. Entretanto, alguém com origens européias e bastante interessado na produção francesa poderia ter seu entendimento de nação próximo daquele apresentado por Hobsbawm quando este afirma que, no século XIX, o sentido de nação era associado ao político, chegando-se à “equação nação = Estado = povo e, especialmente, povo soberano, (...) [vinculando-se] indubitavelmente a nação ao território, pois a estrutura e a definição dos Estados eram agora essencialmente territoriais.” (HOBSBAWN, 1990:32).

O povo, como aquele visto na figura do gaúcho, era considerado digno, bravo e lutador, porém levado a reagir com violência diante da tirania e despotismo do governo do Rio Grande do Sul. Quando Angelo Agostini toma partido pelo povo gaúcho não há nesse posicionamento, evidentemente, um incentivo para que essas pessoas assumam o poder, pois haveria pessoas certas para isso. Agostini não contesta em nenhum momento a necessidade de um governo, mas deveria ser um governo que respeitasse a liberdade e a democracia, composto por homens dignos como, por exemplo, Saldanha Marinho (1816-1895), o qual, por ocasião de sua morte, foi definido no número dezesseis da revista *Don Quixote* como um “denodado e infatigável campeão das liberdades civil e religiosa”. Liberdade que não estaria sendo respeitada no Rio Grande do Sul.

Saldanha Marinho, de acordo com a revista de Agostini, teria trabalhado pela constituição de uma República democrática no Brasil, mas teria sido colocado fora ou do outro lado da configuração do poder que se deu na República brasileira: “Da sementeira que fez, colheu a nação o fructo a 15 de novembro de 1889, tendo por principais ceifeiros Manoel Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant Botelho de Magalhães.” (*Don Quixote*, N. 19, 01/06/1895)

Esses dois nomes seriam assim alguns dos responsáveis pelos problemas da República no Brasil, o primeiro por ser militar e conduzir o país com mãos de ferro, o segundo seria o responsável pelo ideário positivista³ introduzido na organização do novo sistema de governo. Agostini foi um declarado inimigo e crítico dos positivistas e de suas idéias, chegando a afirmar com a virulência que é uma das características de sua crítica que:

*A jovem Republica, (...) não tardou a dar por páus e por pedras, devido a ter mamado desde o primeiro dia o mais detestavel de todos os leites, um verdadeiro veneno que modificou completamente o caracter brasileiro; de generoso que era, passou a ser intolerante e sanguinario!
O tal leite era o positivismo que, por desgracia d'esta terra, (...) espalhou n'esta praça social e política. (Don Quixote, N.103, 18/11/1899, p.2.)*

O governo de Castilhos estava próximo tanto de Deodoro quanto do positivismo, assim a postura de Agostini, ao que parece, não poderia ter sido diferente.

Em *A formação das almas* Murilo de Carvalho analisa o importante papel desempenhado pelos positivistas na construção do imaginário da República no Brasil, os quais segundo o autor foram “sem dúvida, o grupo mais ativo, mais beligerante, no que diz respeito à tentativa de tornar a República um regime não só aceito como também amado pela população. Suas armas foram a palavra escrita e os símbolos cívicos.” (Carvalho, 2008: 129)

Angelo Agostini por seu trabalho na imprensa poderia fazer uso das palavras para defender as causas nas quais acreditava. Além das palavras dominava a técnica da caricatura, técnica utilizada até hoje com muito sucesso. Agostini também era pintor, como mencionado no início desse texto. Era alguém que se colocava como um defensor dos interesses da nação. Diante de todos esses instrumentos e vendo os positivistas como uma ameaça porque não lançar mão de suas atribuições para se colocar contra esses pressupostos inimigos da Nação e ao mesmo tempo mostrar seu próprio projeto?

Durante o Segundo Império (1840-1889) Agostini teve uma atuação intensa contra as políticas imperiais e principalmente contra aquela que seria a responsável pela propaganda do Império, a Academia Imperial de Belas Artes. São conhecidas as duras críticas feitas por Agostini ao pintor de história Victor Meirelles, considerado junto com Pedro Américo, os dois mais importantes pintores brasileiros durante o governo de Pedro II.

Parece bastante plausível a hipótese de que Agostini não só usou as páginas dos seus periódicos, conforme demonstrado pelas citações, como também sua arte para construir seu próprio ideário, para defender a sua idéia de pátria. Suas opções políticas não estiveram

³ Alfredo Bosi, no artigo “O Positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração”, destaca o Rio Grande do Sul como o estado brasileiro onde o ideário positivista teria fincado “raízes profundas e duradouras”. p.176.

separadas da sua produção pictórica. Não é possível pensar que sua escolha ao representar o gaúcho tenha sido aleatória, sem nenhuma intenção ou apenas por uma questão estética. Não depois de acompanhar um pouco de seu percurso no jornalismo e na arte brasileira entre a década de 1870 até 1910 quando faleceu no Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José. O Gaúcho: Romance brasileiro. São Paulo : Saraiva, Rio de Janeiro : INL, 1971.
- ARAÚJO, Carlos da Silva. Angelo Agostini. In: *Boletim de Belas Artes*. Rio de Janeiro, N. 21 a N.36. 1946-1947.
- BOSI, Alfredo. O Positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração. In: <http://www.machadodeassis.org.br/abl/media/prosa43c.pdf> consultado em 30/04/2009.
- CAMPOFIORITO, Quirino. *História da Pintura Brasileira no século XIX*. Rio de Janeiro : Ed. Pinakotheke, 1983.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FERREIRA, Félix. *Belas Artes, estudos e apreciações*. Rio de Janeiro, 1885
- HOBSBAWN, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX. Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 2004.